

Sacralidades em Imagens

Renata Cristina de Sousa Nascimento (Org.)



Colaboradores

Aline Dias da Silveira

Maria Najet Ramos Jubé Hayek

Raísa Sagredo

Wemerson dos Santos Romualdo

Editora Tempestiva

Sacralidades em Imagens

Editora Tempestiva

© Editora Tempestiva, 2024
Todos os direitos reservados

Edição: Ivan Vieira Neto
Revisão: Renata Cristina de Sousa Nascimento
Capa e diagramação: Wemerson dos Santos Romualdo

Imagem da capa: *Maternidad (1923-1924). José Clemente Orozco. Afresco. Antigo Colégio San Idelfonso. Cidade do México.*

Conselho Editorial

Dr. Dirceu Marchini Neto (UNIFESP)
Dr. Fabiano Fernandes (UNIFESP)
Dr. Hugo Rincon Azevedo (PUC Goiás)
Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto (PUC Goiás)
Dra. Sandra Nara Novais (UFJ)
Me. Simone Cristina Schamltz de Rezende e Silva (PUC Goiás)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244 Nascimento, Renata Cristina de Sousa

Sacralidades em Imagens / Renata Cristina de Sousa Nascimento / Organizadora. - Goiânia: Tempestiva, 2024.

p. 146

ISBN 978-65-85142-10-6

1. História 2. Fotografia 3. Sacralidades em imagens
I. Título II. Coletânea III. Renata Crsitina de Sousa Nascimento

CDD 704.908

CDU 730

Sacralidades em Imagens

Renata Cristina de Sousa Nascimento (Org.)



Colaboradores

Aline Dias da Silveira
Maria Najet Ramos Jubé Hayek
Raísa Sagredo
Wemerson dos Santos Romualdo

Editora Tempestiva

Sumário

Apresentação <i>Ivan Vieira Neto</i>	09
Um pouco de história: Santiago de Compostela <i>Renata Cristina de Sousa Nascimento</i>	15
Um pouco de história: Roma <i>Wemerson dos Santos Romualdo</i>	19
Cidade de Goiás: um olhar sobre o sagrado <i>Maria Najet Ramos Jubé Hayek</i>	25
Égides, colunas e paredes: estruturas que protegem, sustentam e elevam <i>Wemerson dos Santos Romualdo</i>	47
Galícia Sagrada: espaços sublimes e suas relíquias <i>Renata Cristina de Sousa Nascimento</i>	69
Imagens Sagradas da Morte <i>Aline Dias da Silveira</i>	91
Um tour encantado: o sagrado e o fantástico na Ilha da Magia <i>Raísa Sagredo</i>	113
Bibliografia Geral	135
Sobre os autores	141

Apresentação

Platão resolveu a questão da sobreposição entre *ideia* e *imagem* no grego ao distinguir entre «*eídōs*», a realidade suprassensível daquilo que pode ser observado, e «*eikōn*», a impressão sensível sobre aquilo que se observa, a sua «mera aparência»¹. Nisto entendemos a noção helênica de «*eídōlon*», a imagem como «fantasmagoria». Talvez tenha sido desta concepção grega que o historiador germânico Aby Warburg (1866–1929) formulou seu conceito de «*Nachleben*», indicando que a sobrevivência das imagens pretéritas nos contextos futuros se deu como certa «fantasmagoria».

Esse centro de gravitação pode ser formulado como o rastreamento das influências na Antiguidade, sobretudo do paganismo antigo, na arte do Renascimento italiano. [...] Warburg cunhou a expressão «vida póstuma» (*Nachleben*, de difícil versão) da Antiguidade, como se, embora morta, permanecesse viva e assombrando épocas posteriores. Morta-viva. Sua presença revela-se por vezes de modo evidente, mas os sentidos são frequentemente intrincados e alusivos, e são sempre transformados².

1 Platão. *República*, VII. 510a-511e.

2 Waizbort. Apresentação. In: Warburg. *Histórias de Fantasmas para Gente Grande*: escritos, esboços e conferências. Organização de Leopoldo Waizbort e tradução de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Pesquisando a *Renascenza*, Aby Warburg viu-se assombrar por fantasmas que provinham do Renascimento e da Antiguidade. Contudo, todos os contextos históricos produzem as suas próprias fantasmagorias: para vê-las, basta que o(a) observador(a) lance-lhes o olhar e deixe-se «assombrar». Foi exatamente este o convite feito pela Dra. Renata Nascimento aos colaboradores deste libelo. Raísa Sagredo, Najet Hayek, Aline da Silveira, Wemerson Romualdo e a própria organizadora dispuseram-se à partilha de suas impressões (isto é, suas «*eikónes*») sobre algumas imagens («*tà eídē*») que colocam em diálogo o contexto de sua fabricação com o momento da observação, articulando, assim, passado e presente. O diálogo entre diferentes temporalidades é justamente o que confere *aura* à produção artística pretérita, no sentido benjaminiano.

E «*aura*» provém do grego «*aúra*», «brisa», isto é, uma «atmosfera diferente», apresentando-se no mesmo campo semântico do verbo latino «*sacrō*», «consagrar», justificando a relação intrínseca entre as imagens e o sagrado e, por esta mesma via, a causa das «imagens sagradas» e a razão do registro das *Sacralidades em Imagens*.

Segundo o filósofo francês Georges Didi-Huberman, «o que vemos só vale —só vive— em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha»³. Há apenas duas possibilidades entre o observador e a imagem: uma aceitação simbólica ou uma recusa diabólica, ambas fundamentalmente inconscientes. Se o observador reage «diabolicamente» diante de uma imagem, perde-se a dialogicidade imanente à apreciação da imagem, uma vez que o verbo «*diabállein*»

3 Didi-Huberman. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2010. p. 29.

significa «descartar, desfazer, romper»⁴. Portanto, a reação diabólica opera pela recusa ou rejeição. A reação simbólica, por seu turno, provém de *«symbállein»*, «conciliar, conjugar, coordenar», substantivando-se em *«sýmbolon»*, o «símbolo», ou seja, a união de duas mensagens —ou duas «imagens».

Neste sacro diálogo interno que se externaliza através da análise das imagens, Najet Hayek revisita a riqueza do patrimônio histórico e artístico da Cidade de Goiás; Wemerson Romualdo descreve a arquitetura e os afrescos romanos da Antiguidade e da Idade Moderna; Renata Nascimento apresenta as relíquias e os espaços sagrados da Galiza medieval; Aline Dias da Silveira relata uma história de resistência ameríndia na cultura popular mexicana e descreve elementos sincréticos da cultura asteca nas tradições católicas do México. E Raísa Sagredo explora as manifestações religiosas da «Ilha da Magia», onde o catolicismo se encontra com as religiosidades afro-brasileiras, com as tradições populares e com os rastros de culturas e religiões muito mais antigas, há muito desaparecidas.

Retornando à autoridade crítica de Didi-Huberman:

Olhar seria compreender que a imagem é estruturada como um *diante-dentro*: inacessível e impondo sua distância, por próxima que seja —pois é a distância de um contato suspenso, de uma impossível relação de carne a carne. Isto quer dizer exatamente —e de uma maneira que não é apenas alegórica— que *a imagem é estruturada como um limiar*. Um quadro de porta aberta,

4 A ideia de «diabólico» como ruptura em oposição à integração «simbólica» provém dos escritos de Eudoro de Sousa, filósofo luso-brasileiro. Cf. Sousa. *Mitologia I: mistério e surgimento do Mundo*. Brasília: Editora da UnB, 1988.

por exemplo. Uma trama singular de espaço aberto e fechado ao mesmo tempo. Uma brecha num muro, ou uma rasgadura, mas trabalhada, construída...⁵

É neste mesmo sentido que as *Sacralidades em Imagens* se apresentam ao leitor e à leitora: como as portas estreitas pelas quais os observadores podem acessar, num instante, diversos espaços e temporalidades. E se resistirem à ânsia diabólica de fugir ante a experiência da alteridade, poderão atravessar estes limiares imagéticos e perceber o inventário de semelhanças e diferenças que estrutura a permanência paradoxal dos símbolos. A força das imagens reside justamente neste estranhamento e familiaridade que a partir do pensamento simbólico conectam a humanidade inteira.

Ivan Vieira Neto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

5 Didi-Huberman. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2010. p. 243.

Um pouco de História

*Santiago de Compostela*⁶

Rotas de grande vitalidade no ocidente foram àquelas relacionadas à Santiago de Compostela, na Galícia. Os discursos construídos sobre a presença do sepulcro de São Tiago na Hispânia estão entre a tradição Histórica e o imaginário. São escassas as informações sobre Tiago Maior, filho de Zebedeu nos Evangelhos canônicos. Não há referência direta à sua presença na Península Ibérica.

De toda forma existe a crença de que o apóstolo teria predicado na região, após o Pentecostes, retornando depois à Judéia. No livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 12: 1-2 encontra-se a narrativa de sua morte: “Nessa mesma ocasião o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim mandou matar a espada Tiago, irmão de João.” O traslado de seu corpo e o costume de veneração de sua tumba gerou uma série de narrativas, permeando os caminhos repletos de peregrinos, que se dirigiam à Galícia. Do achamento das relíquias do apóstolo, até a estruturação dos roteiros que levariam a Santiago, a construção da legitimidade discursiva perpassa por intenções variadas; pelas disputas entre as

⁶ Parte deste texto foi originalmente publicado em NASCIMENTO, Renata Cristina de S. Relíquias e Peregrinações na Idade Média. In NASCIMENTO, Renata Cristina & SILVA, Paulo Duarte. *Ensaio de História Medieval*. Temas que se renovam. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 73- 85.

igrejas de Compostela e Toledo, pela interferência régia, e pelo desejo de inserir a localidade no eixo principal dos itinerários cristãos. Vários discursos foram importantes para a legitimação do itinerário jacobeu, afirmando que os restos mortais do santo teriam sido encontrados de forma miraculosa na Hispânia.

A inventio foi consolidada no século IX pelo Bispo Teodomiro de Iria Flávia, aumentando o status político-religioso da região. No século XII apareceu uma compilação dos relatos sobre Santiago, produto de uma construção coletiva. A autoria é atribuída supostamente ao Papa Calixto II, daí o nome de *Codex Calixtinus* ou *Liber Sancti Jacobi*⁷, como é conhecido. O fato de a Península Ibérica ter sido conquistada e ocupada pelos islâmicos no século VIII corroborou para a necessidade de fomentar o cristianismo na região, fazendo frente aos invasores. Das Astúrias iniciou-se o processo de “retomada” do território. Uma cidade de peregrinação de renome facilitaria a presença de peregrinos mais a ocidente, tecendo um caminho que conduzia os fiéis a Compostela. O arcebispo Diego Xelmírez foi o artífice da peregrinação jacobea, aproximando-se do papado conseguiu para a cidade o estatuto de sé metropolitana.

Na História Compostelana, composta no século XII, temos imortalizados os feitos do arcebispo, exaltando sua ação política no sentido de promoção do culto jacobeu. Os monarcas asturianos Afonso II, o Casto (759- 842), Afonso III (848- 910) e o rei de Leão e Castela Afonso VI⁸ (1047- 1109) contribuíram para que gradativamente

7 *Liber Sancti Jacobi* “*Codex Calixtinus*”. Traducción por A. Moralejo y J. Feo. Santiago de Compostela: Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos, 1951.

8 Contemporâneo de Diego Xelmírez.

o templo do apóstolo se transformasse em uma grande basílica. Destino final da jornada a catedral de Compostela abrigava peregrinos oriundos de diversas localidades. Rotas foram criadas, contribuindo para o desenvolvimento de várias cidades que faziam parte do caminho. O Livro V do *Liber Sancti Jacobi* é também conhecido como Guia do Peregrino, nele foi criado um itinerarium. “Os autores do Liber inventaram um caminho, ao mesmo tempo real e maravilhoso, que englobava os grandes santuários de peregrinação do século XI- Jerusalém, Roma, Saint- Martin de Tours, Vézelay, Le Puy... em direção a Basílica”⁹. A posse de objetos e dos corpos santos acentua o status político de um lugar, que se transforma em espaço de rememoração. Este lugar sagrado simboliza a proximidade física e espiritual, com Cristo e seus apóstolos.

Renata Cristina de Sousa Nascimento
Universidade Federal de Jataí
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Universidade Estadual de Goiás

⁹ Rucquoi, Adeline. Trece siglos por los caminos de Santiago. In: *Revista Chilena de Estudios Medievalis*, n. 4, jul.-dez./2013, p. 101.

Roma

*Salve, Roma! In te æterna stat historia,
Inclyta, fulgent gloria Monumenta tot et aræ. [...]
Salve, Roma! Cuius lux occasum nescit, [...]*¹⁰

*Salve, salve Roma! É eterna a tua história,
Cantam-nos tua glória monumentos e altares! [...]
Salve, salve Roma! O teu sol não tem poente [...]*¹¹

Roma é de longe uma das cidades mais icônicas e mais visitadas do mundo. Desafio imenso este de escrever em restritas linhas um pouco da história desta emblemática cidade, que ao ser recordada, ter seu nome lido e/ou ouvido, desperta os mais variados interesses. Se, como diz o consagrado ditado, ‘todos os caminhos levam à Roma’, diversas são as vias que conduzem cerca de oito milhões pessoas à cidade todos os anos, seja o anseio pela história em geral, pela arte e/ou pelo turismo.

¹⁰ Evaristo d’Anversa. *Hymnus Pontificius*. Vaticano, 1949 [?]. O *Hino* ou *Marcha Pontifical* é o hino nacional da cidade-estado do Vaticano desde 1949, cuja composição musical original é de autoria do músico francês Charles Gounod.

¹¹ Tradução de Dom Marcos Barbosa do ‘Hino Pontifício’ do latim para o português.

Consensualmente, pela maior parte da historiografia¹², uma história de Roma se inicia no século VIII a.C. com a fundação de uma pequena cidade na região central da Península Itálica. Tão simbólica é esta data, que existe uma marcação temporal baseada no ano de 753 a.C., estabelecendo-o como ano um (1) e a partir dele a contagem do tempo *ab urbe condita* (AUC - desde a fundação da cidade). Antes de nos atermos ao assunto da fundação de Roma, se faz necessário compreender que antes da fundação da cidade, a região do Lácio era habitada.

O *homo sapiens* habita a região da Península Itálica há pelo menos 45 mil anos, dadas as evidências da cultura Aurignaciana¹³, uma cultura pré-histórica possível de ser datada graças aos artefatos encontrados. A partir do século XIII a.C. (V A.AUC.) há uma mudança – atestada pela arqueologia – na cultura, nos ritos funerários e na religiosidade¹⁴. É possível que seja neste contexto que as populações que habitavam a região tenham passado por um processo de diferenciação, de estabelecer particularidades que os definiriam posteriormente como povos e culturas distintas: etruscos, latinos, sabinos, úmbrios, hérnicos etc. Além desses povos residentes, a partir do século VIII a.C. (I AUC), os primeiros contingentes gregos chegaram às terras itálicas e começaram a estabelecer comércio com a Etrúria, gerando ainda outras transformações¹⁵. A produção artís-

12 Jannuzzi, Giovanni. *Breve historia de Italia*. Buenos Aires: Letemendia, 2005.

13 Cremones, R. G. *The Prehistorical Age*. In: Settis, S. *The Land of the Etruscans, from the Prehistory to the Middle Age*. Scala Books: Firenze, 1985, p. 11.

14 Wals, A. M. J. *Los etruscos y los inicios de la historia de Roma*. *Inovación y Experiencias Educativas*, n. 23, pp. 1-13, Granada, 2009.

15 Bonamici, M. *The etruscan period*. In: Settis, S. *The Land of the Etruscans, from the Prehistory to the Middle Age*. Scala Books: Firenze, 1985, p. 12.

tica, cerâmicas, túmulos, pinturas de murais ganham um certo aspecto oriental e cenas funerárias e infernais (como no contexto grego), surgem no século IV a.C.¹⁶ (V AUC).

Ovídio, poeta do século I a.C. (VIII AUC), é um dos autores responsáveis pelos relatos lendários e informações a respeito da fundação de Roma. Em sua obra *Fastos*, o poeta narra a história de Reia Silvia, filha do rei Alba Longa, mãe de Rômulo e Remo, sendo o primeiro o fundador de Roma e seu primeiro rei, de acordo com a narrativa. Um outro autor, Tito Lívio, do século I d.C. (IX AUC), ou seja, já de uma Roma imperial, escreve a famosa obra intitulada *Ab urbe condita*, na qual procurará escrever uma história da cidade: “examinar a memória dos grandes feitos do povo mais poderoso do mundo [...] o assunto requer um trabalho imenso, porque retrocede a setecentos anos e porque, de um frágil começo, cresceu a tal ponto [...]”¹⁷. Poderíamos citar as narrativas de outros autores, como Vírgilio, Estrabão, Plutarco e Dionísio de Helicarnasso, contudo, ambos os referenciados já nos possibilitam perceber que a história de Roma é permeada de lendas, mitologias, relatos memorialistas e história.

É notório os momentos históricos da cidade de Roma, de sua fundação no século VIII a.C. (I AUC); o desenvolvimento da República no século VI a.C. (III AUC); o estabelecimento do Império no século I a.C. (VIII AUC); o término do Império no Ocidente no

16 Fellone, Roseli. Os mortos no limiar e no além-túmulo em vasos figurados etruscos (séculos IV e III a.C.). *Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, p. 327-336, 1993, p. 327.

17 Tito Lívio. *História de Roma desde a fundação da cidade*. Livro I – Monarquia. Tradução Mônica Vitorino; introdução e notas Júlio Cesar Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

século V (XIII AUC); o pertencimento ao Sacro Império o século X (XIII AUC); o período do Renascimento e das ‘Revoluções Científicas’ no século XV (XXIII AUC) e seguintes; o período das Repúblicas Romanas nos séculos XVIII e XIX (XXVI e XXVII AUC); a unificação e o Reino Italiano no século XIX (XXVII AUC); a República Italiana atual no século XX (XXVIII AUC).

Nesta longa duração, Roma permaneceu e se estabeleceu como um insigne cenário histórico, onde crenças e simbologias se desenvolveram e se mesclaram; onde diferentes culturas e línguas se relacionaram, influenciaram-se mutuamente; cenário que experienciou os mais diversos intelectuais, artistas e líderes e em consequências destes abriu espaço para que se erguessem monumentos e altares.

A epígrafe versa este olhar histórico amplo das complexidades da história de um lugar que perdura por quase três milênios, um lugar geográfico, mas também construído e simbólico onde Antiguidade, Idade Média, Modernidade se mesclam em todo e qualquer espaço. Roma é um destes lugares do mundo, talvez até de uma maneira mais ímpar, em que a temporalidade se torna fluída, porque a história se entrelaça em muitos níveis.

Wemerson dos Santos Romualdo
Universidade Federal de São Paulo

Sacralidades em Imagens

Cidade de Goiás: um olhar sobre o Sagrado

Receber o convite para participar de um livro de fotografias, especialmente ao ter a cidade de Goiás como cenário, foi um momento marcado por um sentimento ambivalente de temor e honra. O receio, relacionado ao meu amadorismo como fotógrafa, ecoava pensamentos de autocrítica e dúvidas sobre a capacidade de capturar toda a riqueza visual e histórica da cidade. A responsabilidade de registrar em imagens um local de tamanha importância cultural e, ao mesmo tempo, tão entrelaçado à minha própria história, era, sem dúvida, um desafio. Contudo, entre os ecos do temor, emergiu a honra. Ser escolhida para narrar visualmente a história da cidade, lugar de nascimento da minha mãe, que moldou parte de minha própria trajetória tornou-se um enorme privilégio.

Goiás, merecidamente reconhecida como um tesouro do Patrimônio Cultural Mundial, testemunha séculos de história através de suas casas coloniais, do rio Vermelho, ruas de pedra, igrejas, folias, procissões, serenatas, poemas, esculturas, aromas, sabores e apresenta-se como uma narrativa visual e sensorial que transcende gerações e fronteiras: um testemunho da perseverança e durabilidade de uma cidade que se recusa a ser esquecida.

A escolha destas dez fotografias é uma tentativa de compartilhar um vislumbre da minha visão pessoal sobre o que considero sagrado nesse lugar que tem um significado tão profundo em minha vida.

“num cantinho de Goiás quem achar um verso é meu...”

Maria Najet Ramos Jubé Hayek
Universidade Federal de Goiás

Igreja Nossa Senhora Aparecida



Igreja Nossa Senhora Aparecida

Patrimônio histórico e cultural, foi construída nas primeiras décadas do século XX. Estrategicamente posicionada em um outeiro, oferece uma encantadora vista para a Serra Dourada, localizada às margens da rodovia GO-070, no Povoado de Areias, a poucos quilômetros da cidade de Goiás. O acesso à igreja é marcado por uma escadaria construída com pedras típicas da região, conferindo-lhe não apenas um aspecto arquitetônico singular, mas também respeitando as características locais.

Cruz do Anhanguera



Cruz do Anhanguera

Monumento situado no Centro Histórico da Cidade de Goiás, às margens do Rio Vermelho. Esta cruz representa uma réplica da original, que foi instalada em 1918, mas acabou sendo levada pela correnteza durante a enchente de dezembro de 2001. A cruz original, datada em 1722 e atribuída ao bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (filho), agora repousa como parte da coleção do Museu das Bandeiras.

Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte



Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte

Localizada diante do Largo da Matriz, Centro Histórico da Cidade de Goiás. Concluída em 1779, foi tombada pelo IPHAN no ano de 1951 e ganhou a função de *Museu de Arte Sacra da Boa Morte* em 1969. Seu acervo é constituído por artes sacras e objetos religiosos, com destaque às peças de arte sacra feitas pelo artista José Joaquim da Veiga Valle.

Cristo Flagelado



Cristo Flagelado

Pintura em tela, datada do século XIX, atribuída a José Joaquim da Veiga Valle, embora especialistas no assunto não tenham alcançado um consenso definitivo sobre sua autoria. Encontra-se exposta no Museu de Arte Sacra da Boa Morte, Cidade de Goiás.

Menino Deus



Menino Deus

As esculturas “Menino Deus”, feitas em madeira esculpida e polí-cromada, são obras distintas do renomado artista José Joaquim da Veiga Valle, datadas do século XIX. Essas expressivas peças artísticas estão em exibição no Museu de Arte Sacra da Boa Morte, localizado no Centro Histórico da cidade de Goiás.

A Igreja de São Francisco de Paula



A Igreja de São Francisco de Paula

Construída no ano de 1761, ocupa uma pequena elevação às margens do Rio Vermelho, no Centro Histórico da Cidade de Goiás. A pintura do forro, atribuída a André Antônio da Conceição, é datada de 1869 e representa cenas da vida de São Francisco. Além disso, a igreja abriga uma valiosa coleção de imagens sacras, enriquecendo ainda mais seu significado cultural e religioso. Durante a tradicional Procissão do Fogaréu, a Igreja de São Francisco de Paula assume um papel simbólico, representando o Monte das Oliveiras.

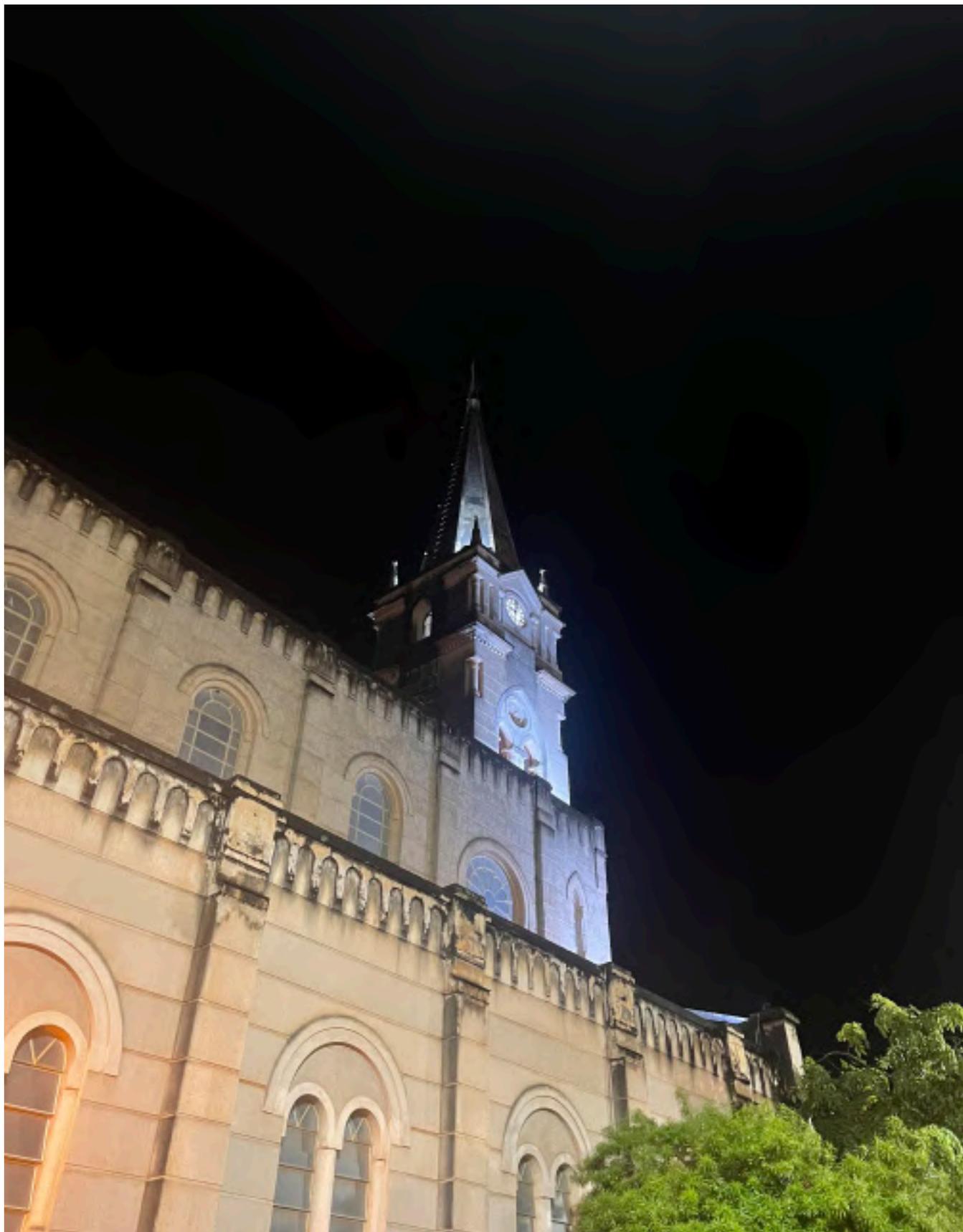
Senhor Bom Jesus dos Passos



Senhor Bom Jesus dos Passos

Segundo a tradição oral, no século XVIII, a imagem foi transportada da Bahia para a Cidade de Goiás em ombros de escravos. A peça foi restaurada em meados do século XIX pelo artista goiano José Joaquim da Veiga Valle e está exposta na Igreja de São Francisco de Paula.

Igreja Nossa Senhora do Rosário



Igreja Nossa Senhora do Rosário

Situada no Centro Histórico da Cidade de Goiás, passou por uma reconstrução na década de 1930 pelos padres dominicanos com o objetivo de substituir a antiga Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, originalmente erguida no século XVIII. A edificação atual destaca-se por adotar o estilo neogótico, o que a diferencia da arquitetura predominante na cidade. Seu interior conta com pinturas de frei Nazareno Confaloni e o primeiro órgão de tubos do estado de Goiás.

Igreja de Santa Bárbara



Igreja de Santa Bárbara

Construída no ano de 1780 com blocos de pedra-sabão e adobe, está situada em um outeiro, sendo acessada por uma escadaria de muitos degraus. Apresenta um estilo barroco-colonial e é aberta para visitação apenas no dia 4 de dezembro, durante a festividade em homenagem a Santa Bárbara. No interior, chama atenção a imagem da padroeira da igreja, esculpida pelo artista Veiga Valle.

Rio Vermelho



Rio Vermelho

Importante afluente do Rio Araguaia que corta a cidade, assume um protagonismo legítimo na história de Goiás e desempenha um papel fundamental na construção de sua identidade, desde a corrida pelo ouro que deu origem à ocupação arquetada às suas margens e como fonte constante de inspiração para suas lendas, poemas e canções.

Égides, colunas e paredes: estruturas que protegem, sustentam e elevam

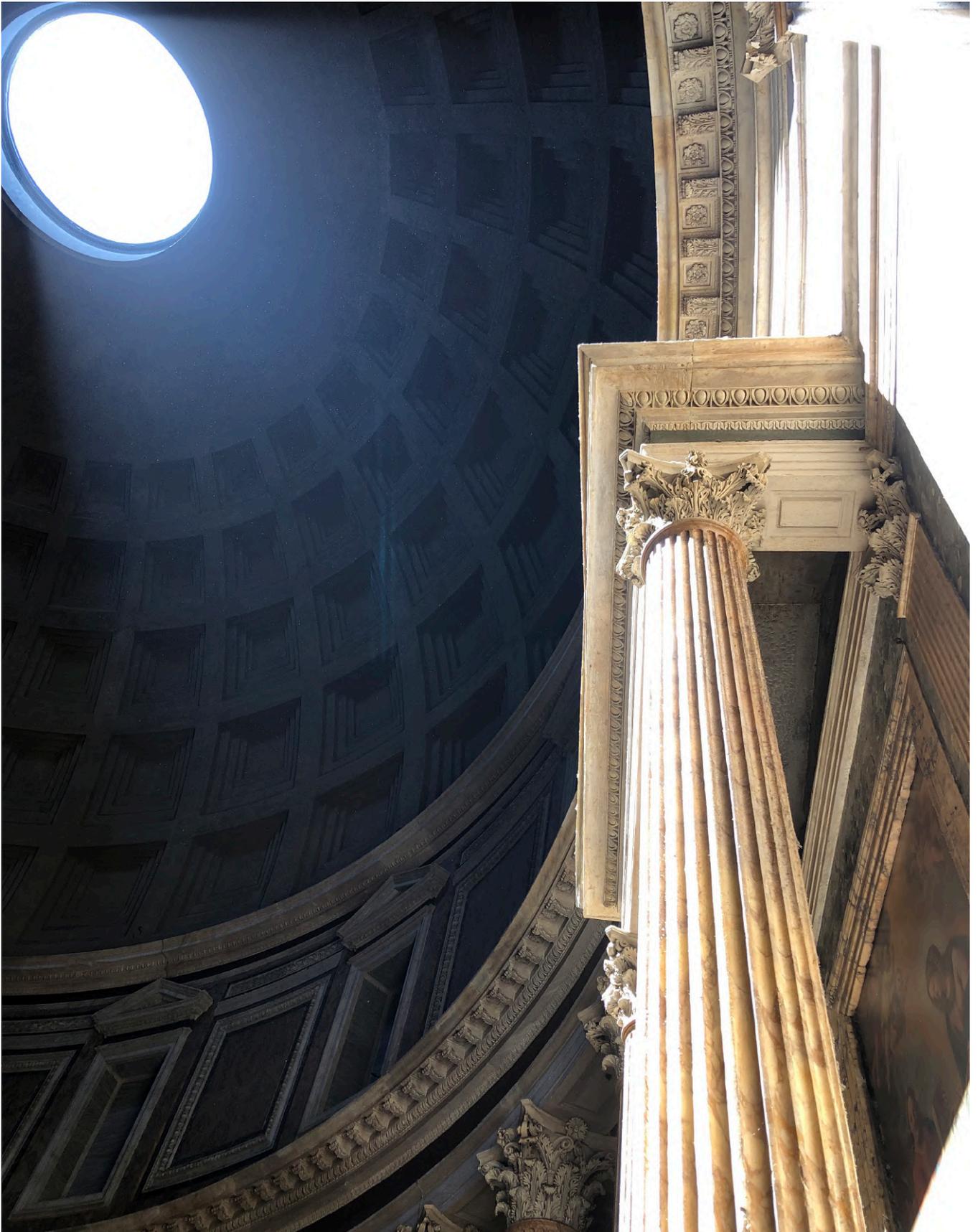
A visita a lugares históricos, antigos ou contemporâneos é pungente para todo e qualquer historiador. Os espaços, a partir do prisma da História, não são unicamente uma categoria geográfica, interessa aos olhares dos historiadores a construção, seja a construção arquitetônica com os mais diversos estilos, elementos artísticos e métodos de engenharia; seja a construção simbólica, memorial e os usos religiosos, políticos, econômicos e sociais. Preservados ou em ruínas, estes espaços amontoam memórias, ações e alterações de personagens e eventos que marcaram a História.

Este pequeno portfólio de fotografias tem por intenção apresentar o olhar de um recém graduado em História, cujas oportunidades da vida permitiram visitar lugares que antes eram conhecidos por meio de textos, imagens e visitas virtuais. A imaginação alcançou a realidade, o olhar pôde se transformar em toque, em experiência social e sensorial. Adentrar a estes lugares conduziu a uma reflexão: os tetos e telhados, ornados ou robustos, funcionam como proteção contra as intempéries do tempo, mas também adquirem valor de

aproximar os céus; as colunas e pilastras, em ruínas ou ainda fortificadas, sustentam não somente as estruturas, mas a fé, a simbologia; as paredes, de pedras frias ou ornadas com arte e objetos, ligam o chão ao teto, elevam a experiência sensorial e espiritual. Égides, colunas e paredes constituem estruturas onde pessoas no passado viveram e fizeram história, estruturas que ainda hoje possuem a força de impactar com experiências.

Wemerson dos Santos Romualdo
Universidade Federal de São Paulo

Pantheon / Igreja de Santa Maria dos Mártires



Pantheon / Igreja de Santa Maria dos Mártires

Construído em 27 a.C. pelo cônsul Marco Vipsânio Agripa, durante o reinado de Augusto, seu nome tem origem no grego Πάνθεον (pántheon), que pode significar ‘de todos os deuses’. A estrutura sofreu modificações durante o governo do imperador Adriano e no século VII foi convertida em uma igreja cristã pelo papa Bonifácio IV dedicando o templo a Santa Maria e aos Mártires. De acordo com a Enciclopédia Católica, vinte e sete carregamentos de relíquias foram colocados sob o altar principal.

Cúpula da Basílica de São Pedro – Vaticano



Cúpula da Basílica de São Pedro – Vaticano

A Basílica atual ocupa o lugar da basílica paleocristã do séc. IV, sobre o suposto local do túmulo de São Pedro. A construção da basílica se prolongou por vinte pontificados, de Júlio II a Inocêncio X. Projetada por Michelangelo, a cúpula possui uma altura de 136 metros aproximadamente. Foi Clemente VIII quem ordenou a ornamentação da cúpula, dividida em 16 partes, as imagens representadas são: Pai Eterno, Cristo Redentor, São João Batista, Santa Maria, os Apóstolos; Serafins; Anjos; Querubins; alguns com símbolos de Paixão; Patriarcas e Bispos.

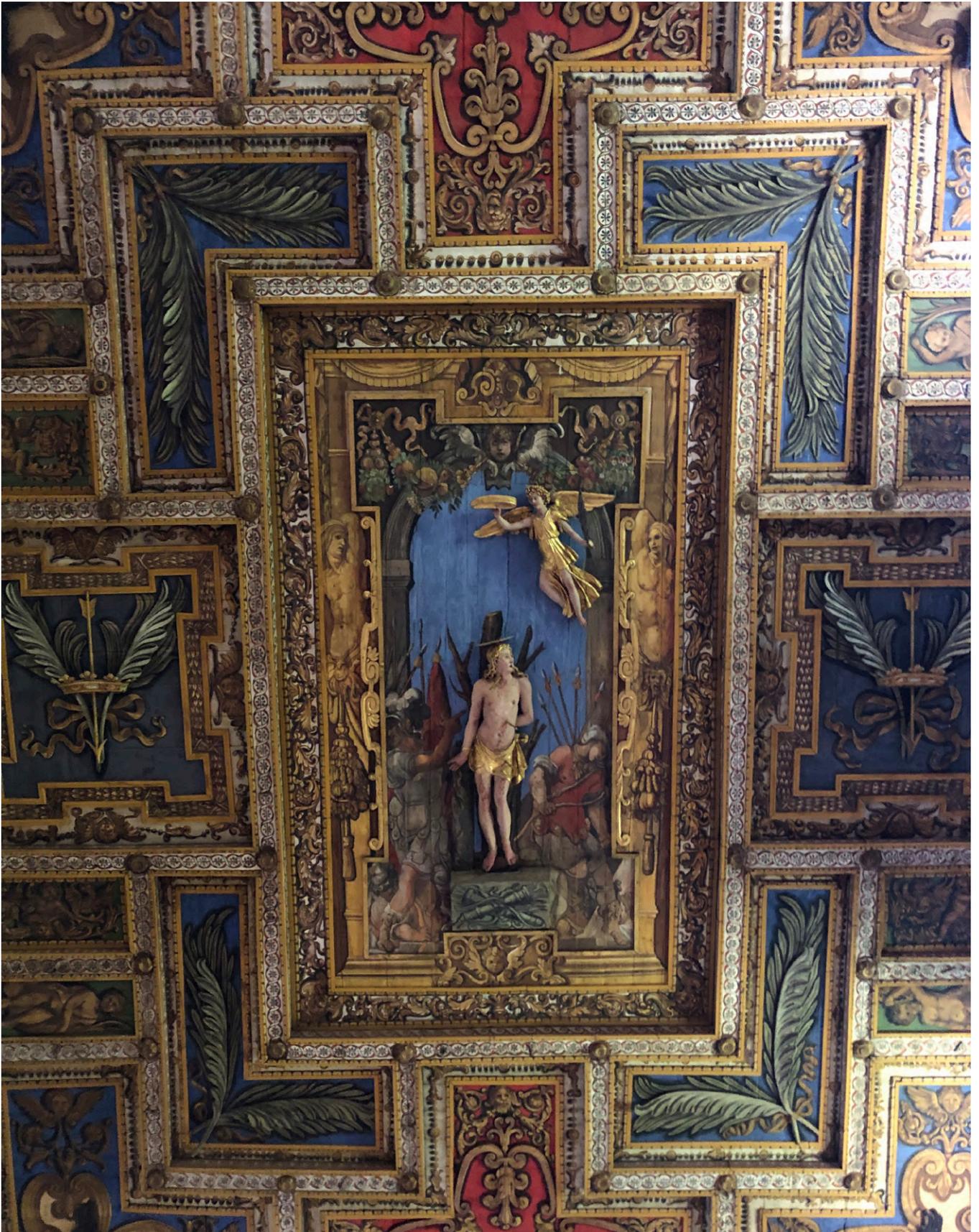
Abside do Templo de Vênus e Roma



Abside do Templo de Vênus e Roma

Construído pelo imperador Adriano, o Templo de Vênus (deusa do amor) e Roma (divindade que personificava o império) foi uma das maiores construções da antiguidade romana, contando com 145 metros de comprimento e 100 metros de largura, 200 colunas. O Templo possuía duas celas, que na reconstrução de Maxêncio (séc. IV) foram transformadas em absides, a abside voltada para o Coliseu (esta da fotografia) era o lugar da estátua de Vênus; a abside voltada para o Fórum era o lugar da estátua de Roma, ambas sentadas em um trono.

Teto da Basílica de São Sebastião Extramuros



Teto da Basílica de São Sebastião Extramuros

Sua construção data do século IV sobre as catacumbas onde relíquias de alguns apóstolos eram veneradas e onde posteriormente foi enterrado São Sebastião, segundo a tradição. A basílica atual foi construída pelo Cardeal Borghese, sobrinho de Paulo V, no século XVII, tendo o nome 'Extramuros' por estar situada na Via Appia, fora da Muralha Aureliana. O teto é entelhado em madeira, com a figura de São Sebastião que recebe de um anjo uma coroa dourada e uma palma, símbolos do martírio na iconografia cristã.

Templo de Adriano



Templo de Adriano

O Templo de Adriano foi construído em c.145 pelo imperador Antonio Pio, para honrar o pai após a sua apoteose. Ao longo dos séculos as pedras do templo foram utilizadas para outras construções em Roma. As colunas de ordem coríntia preservam sua grandiosidade, na única parede restante é possível notar as marcas onde o revestimento de mármore era colocado. A parede do templo foi incorporada à construção da Câmara do Comércio e da antiga Bolsa de Valores de Roma.

Templo de Vesta



A Templo de Vesta

Este templo de forma circular era dedicado a Vesta, deusa do lar e do fogo sagrado. Há controvérsias a respeito de sua construção, entretanto, a versão das ruínas remonta ao século II d.C. e estava localizado no centro no Fórum Romano. De acordo com Fustel de Coulanges, o fogo sagrado era um dos pilares da religião romana e, portanto, base para a sociedade da época. O serviço religioso à Vesta era de grande importância, as sacerdotisas deveriam ser virgens, cuja função seria de manter eternamente aceso o fogo sagrado.

Cena do Apocalipse – Basílica de São Paulo Extramuros



Cena do Apocalipse – Basílica de São Paulo Extramuros

A Basílica de São Paulo é uma das mais antigas de Roma, datando do século IV, tendo passado por diversas reconstruções e restauros ao longo dos séculos. O mosaico do chamado ‘Arco Triunfal’, embora restaurado, conserva as características do período de Leão Magno. No centro está o busto de Jesus, rodeado pelos quatro seres vivos do Apocalipse (figura dos Evangelistas), e os 24 anciãos. Abaixo estão Pedro (direita) e Paulo (a esquerda) que aponta em direção ao seu túmulo debaixo do altar-mor.

Coluna de São Lourenço - Basílica de São Lourenço Extramuros



Coluna de São Lourenço – Basílica de São Lourenço Extramuros

A basílica fora construída em honra a Lourenço e sobre o local do seu túmulo, martirizado no século III. O papa Honório III, no século XIII, ordenou a construção de uma nova igreja que contava com afrescos da vida de São Lourenço e Santo Estevão, cujas relíquias estão depositadas junto às de Lourenço. O papa Pio IX (sepultado na basílica) construiu a praça em frente à igreja e restaurou a coluna de mármore, ordenando a inserção de uma estátua de São Lourenço no topo da coluna de 24 metros.

Órgão de São João de Latrão



Órgão de São João de Latrão

Conhecida como São João de Latrão, a igreja possui o nome oficial de Arquibasílica do Santíssimo Salvador e dos Santos João Batista e João Evangelista. É a catedral de Roma e o local da cátedra do papa, tendo sido a sede do papado até o século XIV. Construída no século IV, passou por diversas modificações nos séculos seguintes. Na última de 1876 a 1886, realizada por Leão XIII, foi instalado um órgão de tubos produzido por Nicholas Morettini e testado pelo renomado músico italiano Filippo Capocci.

Relíquias de Santa Reparata



Relíquias de Santa Reparata

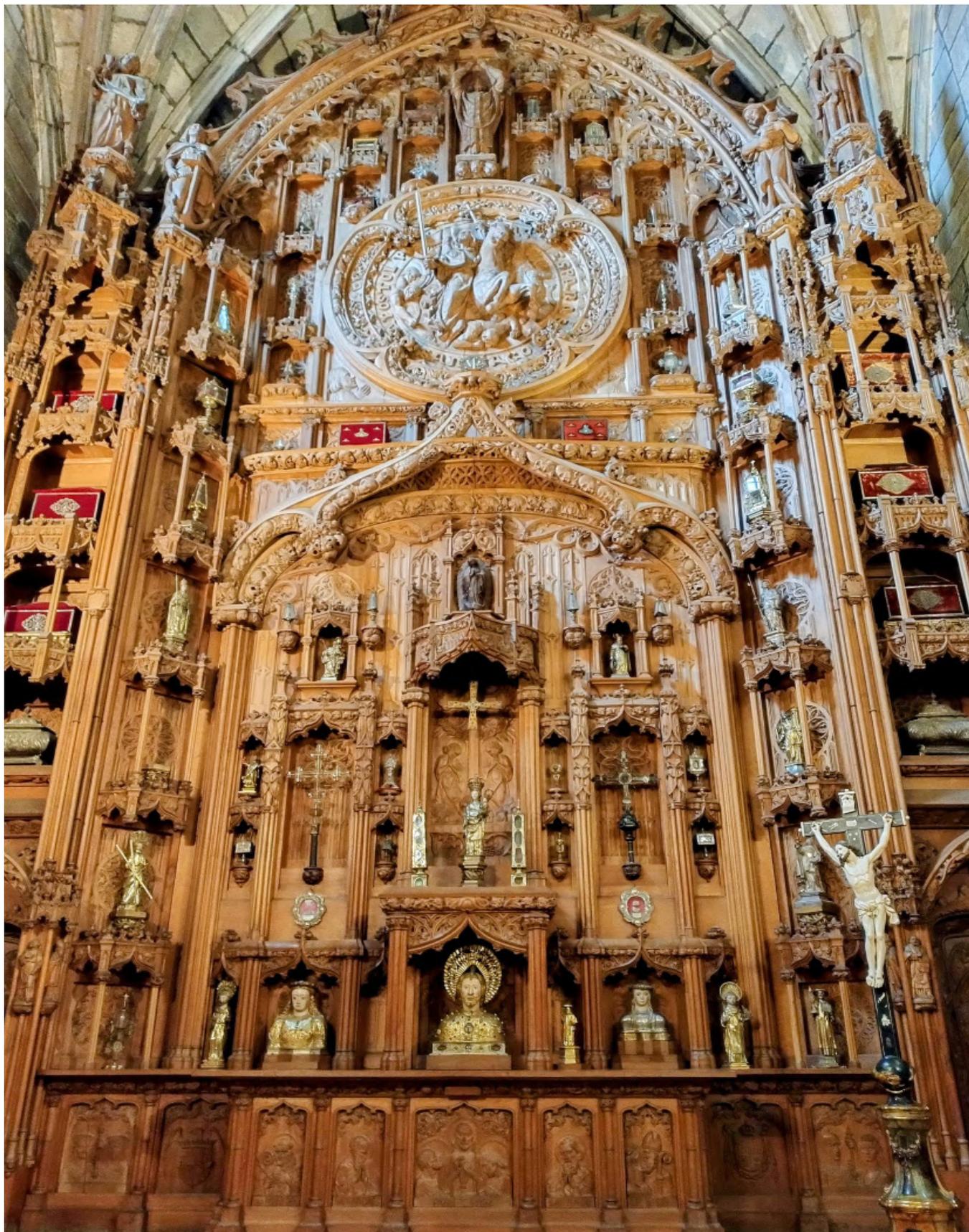
No subsolo da Catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, se encontra a catedral de Santa Reparata, descoberta na década de 60. A igreja possui elementos de diferentes épocas e estilos artísticos e arquitetônicos, sendo os mais antigos datados do século V. A igreja conta com mosaicos, afrescos e criptas. Reparata foi uma mártir do século III, e desde o século V, padroeira de Florença até ser substituída por Santa Maria. À esquerda do antigo altar há um relicário que preserva as relíquias da santa.

Galícia Sagrada: espaços sublimes e suas relíquias

Minha primeira viagem à Galícia/Galiza aconteceu em 1996, ainda uma jovem medievalista, que buscava conhecer sobre as peregrinações e as cidades medievais. O impacto do centro Histórico e da Catedral de Santiago de Compostela, em minha vivência intelectual e espiritual, foi imediato e de longuíssima duração. Em 2016, pude estar na Galícia com minha família, meu marido e filho. Desta época para cá meu interesse de pesquisa sobre a História Medieval das Relíquias Cristãs, me guiou por diversos caminhos, entre eles o Caminho das Estrelas, que me conduziu até o Finisterra. As fotos tiradas em julho de 2023, no mês da festa do Apóstolo, que selecionei com cuidado e sensibilidade, tentam expressar um pouco do meu olhar sobre a terra galega, suas riquezas culturais, históricas e espirituais, seus símbolos. Como fotógrafa amadora tento expressar em imagens meu sentir sobre estes espaços, e a memória que representam em minha vivência profissional e pessoal.

*Renata Cristina de Sousa Nascimento
Universidade Federal de Jataí
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Universidade Estadual de Goiás*

Capilla de las Santas Reliquias (Retábulo)



Capilla de las Santas Relíquias (Retábulo)

Construída no século XVI por ordem do arcebispo de Compostela D. Fonseca III, a capela teria servido inicialmente como panteão real, e também do arcebispado. Em 1641 trasladou-se para este espaço sagrado a maioria das relíquias que estavam distribuídas nos diferentes altares da Basílica. Neste tesouro sacro destaca-se ainda hoje o busto relicário de Santiago Alfeo, ao lado de um conjunto formidável de relíquias. A Santa Cabeça converteu-se em um dos “Honores Ecclesiae Compostellanae”.

Botafumeiro da Catedral de Santiago de Compostela



Botafumeiro da Catedral de Santiago de Compostela

Incensário simbólico da Catedral de Compostela, o Botafumeiro é um dos principais elementos que compõe as principais solenidades vivenciadas na catedral. Foi introduzido na Idade Média com a função de purificar o ambiente, devido à presença de peregrinos, após longas caminhadas. O Botafumeiro atual pesa 53 quilos, e move-se a partir da cúpula central. De acordo com a Xacopedia a primeira referência documental do incensário aparece numa nota marginal do século XIV, inserida no Codex Calixtinus onde é chamado “*Turibulum magnum*”.

O Rei Davi



O Rei Davi

Na fachada das Praterias (de estilo românico) encontra-se esta belíssima imagem do rei Davi como músico, com a coroa, segurando um arco e uma rabeca. Este instrumento, de provável origem árabe, era muito comum na Idade Média. O rei Davi em relevo é considerado uma obra de Mestre Estevão (século XII). Não existe uma interpretação consensual sobre o simbolismo da imagem. Provavelmente foi trasladada para este espaço no século XVIII.

Cruz no Cabo de Fisterra (Finisterra)



Cruz no Cabo de Fisterra (Finisterra)

Destino final de grande parte dos peregrinos e viajantes que fazem o Caminho de Santiago de Compostela, o Cabo de Fisterra abriga uma série de lendas e antigas tradições. A cruz de pedra é um símbolo que compõe o Caminho de Fisterra- Muxia. Por ser o epílogo do Caminho, chegar ao local cercado por pedras milenares e o oceano, traduz a espiritualidade e o sacrifício do trajeto, ao lembrar o sacrifício e a Paixão de Cristo.

Marcos do Caminho



Marcos do Caminho

Elemento de sinalização oficial dos percursos que envolvem o Caminho de Compostela, os marcos indicam ao peregrino sua localização, e direção a tomar. Esta imagem está associada à rota Fisterra-Muxia, e foi fotografada no Pueblo de Ponte Maceira, um dos lugares mais bonitos e impressionantes da Espanha. Banhado pelo Rio Tambre no local encontra-se também uma antiga ponte, da época romana.

Igreja de Iria Flávia



Igreja de Iria Flávia

De origem antiga a Igreja de Santa Maria a Maior de Iria Flávia é um espaço singular, relacionado a tradição jacobea. O bispo Teodomiro de Iria (século IX) teria sido um dos primeiros divulgadores da presença das relíquias do apóstolo na região. A história de Santa Maria de Iria é da época romana, quando da chegada de uma pequena comunidade cristã, no século VI. O povoado, de caráter semiurbano, já era um centro comercial do Império, provavelmente desde o século I.

El Pedrón



El Pedrón

Localizado no altar da Igreja de Santiago em Padrón, a ara de pedra, de origem romana, teria sido amarrada ao barco que conduziu o corpo de Santiago- de Jaffa (Palestina) até a Galicia- conforme a tradição. Somente após o século XV que a relíquia teria recebido, com maior frequência, a visita de peregrinos e viajantes, que se dirigiam à Compostela.

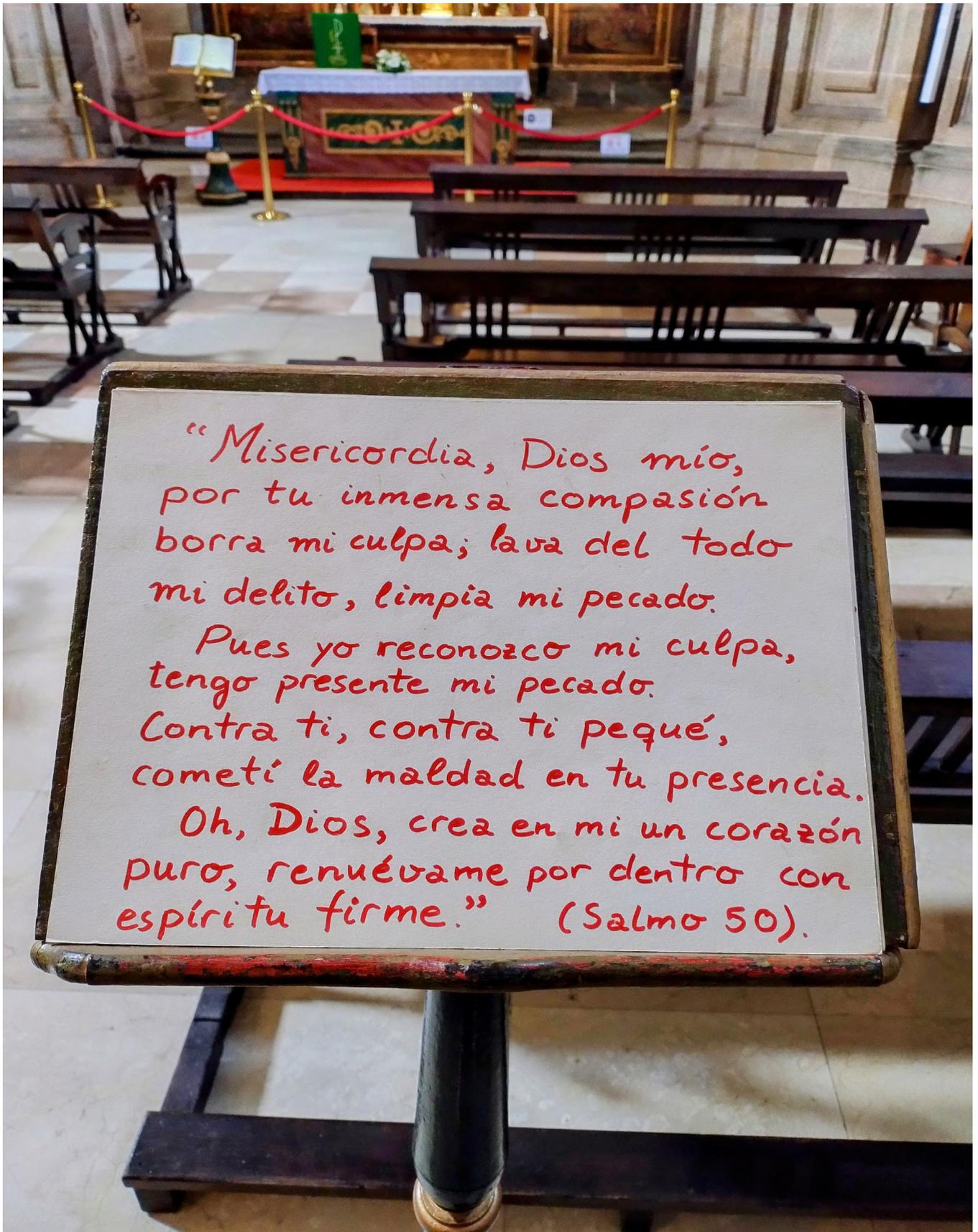
Urna de Prata (Relíquias do Apóstolo)



Urna de Prata (Relíquias do Apóstolo)

Atribui-se ao eremita Pelayo o achamento dos vestígios do apóstolo Tiago (séc. IX). O descobrimento, comunicado ao bispo Teodomiro de Iria Flávia, compõe o núcleo inicial da devoção às relíquias apostólicas, localizadas atualmente na Catedral de Compostela. A cripta apostólica se encontra abaixo do altar maior da catedral.

Salmo 50 (Igrexa de San Fructuoso)



“Misericordia, Dios mío,
por tu inmensa compasión
borra mi culpa; lava del todo
mi delito, limpia mi pecado.

Pues yo reconozco mi culpa,
tengo presente mi pecado.
Contra ti, contra ti pequé,
cometí la maldad en tu presencia.

Oh, Dios, crea en mi un corazón
puro, renuévame por dentro con
espíritu firme.” (Salmo 50).

Salmo 50 (Igreja de San Fructuoso)

Salmo atribuído ao rei Davi, após ser repreendido pelo profeta Natã. O texto estava junto à porta principal da Igreja de São Frutuoso, fundada no século XVIII, situada no centro histórico de Santiago de Compostela.

Santuário da Virxe da Barca



Santuário da Virxe da Barca

A litolatria faz parte da história da Galícia desde tempos bastante remotos, existindo, portanto, tradições pagãs que foram redimensionadas pelo Cristianismo. Conforme narrativas, o apóstolo Tiago, o Maior exausto de pregar na região de Muxia, sem obter sucesso, teria recebido neste local a visita da Virgem, vinda em um barco de pedra. No local foi construída a Igreja (sé. XII), tendo em sua proximidade as pedras que faziam parte da embarcação, em que estava a Virgem Maria.

Imagens Sagradas da Morte

Em novembro de 2023, duas oportunidades ímpares confluíram em minha jornada, a participação em *Encuentros México-Brasil: Historiografía y Religiosidad en la Edad Media* com meus queridos amigos e colegas Renata Sousa Nascimento e Martín Ríos Saloma, e o sonho de estar no México durante as comemorações do *Día de los Muertos*. Apesar de sempre ser fascinada pelas religiosidades populares e não hegemônicas e ter buscado conhecê-las por quase toda a minha vida, fui surpreendida ao aproximar o olhar para essa vivência trans-temporal de reverenciar a morte como uma mãe acolhedora, bondosa e amorosa e festejar o reencontro em vida com entes falecidos. Com essas *Imagens Sagradas da Morte* gostaria de trazer à reflexão a forma ocidental moderna de se relacionar com a morte, ou seja, uma forma de fugir ou negar algo, inevitável, igualitário e que nos espera pacientemente a todos. As fotos foram feitas durante os passeios pela Cidade do México, pela comunidade de Puebla e pelo bairro Tletelolco. As imagens de estátuas anteriores à invasão espanhola foram todas feitas por mim no *Museo Nacional de Antropología do México*.

Aline Dias da Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina

*“Día de los Muertos” na Plaza de la Constitución
na Cidade do México*



*“Día de los Muertos” na Plaza de la Constitución
na Cidade do México*

Entre os dias 31 de outubro e 02 de novembro, é comemorado no México o Día de los Muertos que consiste em uma grande festividade pública e familiar. Acredita-se que, na passagem do dia 1º para o dia 02 de novembro, o véu entre os mundos físico e espiritual é levantado e os entes queridos falecidos podem, mais uma vez, reunir-se com seus familiares. Essa é uma confluência entre a religião indígena, que comemorava o dia dos mortos no mês de agosto (nono mês do calendário solar asteca) e o calendário litúrgico cristão, que instituiu o dia 02 de novembro como o Dia de Finados e o dia 1º de novembro o Dia de Todos os Santos.

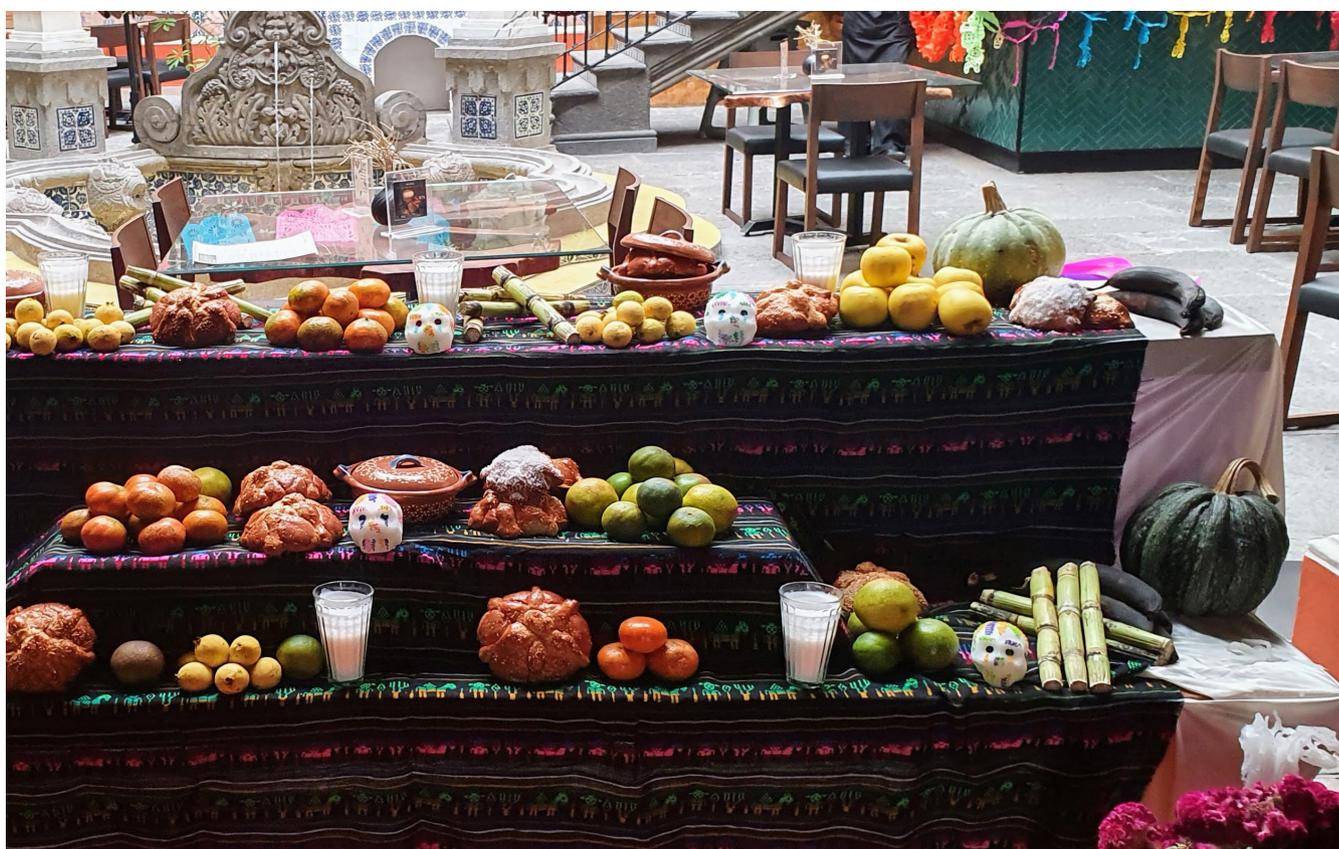
Altar para José Guadalupe Posada (Centro Histórico de Puebla)



Altar para José Guadalupe Posada (Centro Histórico de Puebla)

Não apenas o véu entre os mundos físico e espiritual é erguido nas comemorações do Día de los Muertos, mas entre o sagrado e o profano também. Altares em cemitérios, igrejas, lojas, prédios públicos e privados são erguidos com oferendas de comida e objetos utilizados pelos falecidos, bem como ocorria com as oferendas colocadas nos túmulos indígenas antes da invasão europeia nas Américas. Nesta foto, temos um altar para o cartunista José Guadalupe Posada (1852-1913), criador da Calavera Catrina, caveira vestida elegantemente à moda europeia, como uma crítica à elite mexicana da época.

Altar da Terra



Altar da Terra

No Centro Histórico de Puebla, cidade próxima à capital, encontramos um altar para a Terra, sem fotos de entes falecidos. Um altar de oferendas à Terra, a qual tem todos os dias seu ventre rasgado e semeado para que possamos continuar o ciclo da vida. Mais uma vez, encontramos aqui a proximidade com a religião indígena que entende a terra dadivosa de vida como a Senhora da Morte que acolhe a todos no mundo espiritual. Vida e morte como passagem de um mesmo movimento.

*Oferendas na Base do Altar de Virgem Maria
na Catedral de Puebla*



Oferendas na Base do Altar de Virgem Maria na Catedral de Puebla

A imagem sagrada da Virgem Maria na Catedral de Puebla sacraliza as oferendas dedicada aos mortos. Para os cristãos católicos, Maria é modelo de maternidade, pureza e acolhimento. Ela atende e protege mulheres e crianças no parto, intercede pelos pecadores durante a vida e após a morte. Um culto paralelo, não reconhecido pela Igreja Católica, é dedicado à Santa Muerte, festejada no Día de los Muertos, uma imagem sagrada feminina, vestida com manto e véu como Maria, mas com o rosto de caveira.

Altar dos Povos Nativos (Zócalo, Cidade do México)



Altar dos Povos Nativos (Zócalo, Cidade do México)

Ao lado da Catedral da Cidade do México, comunidades nativas remontam seus altares planos com objetos e imagens sagradas. No centro, está dançando Mictlantecuhtli, Senhor de Mictlán, um dos quatro reinos dos mortos. Os quatro triângulos coloridos ao redor representam os quatro pontos cardeais, ou seja, a extensão do mundo, com seus deuses guardiões. Na moldura em branco acima, vemos oferendas e representações do casal soberano do reino de Mictlán. Nas laterais encontramos pães, frutas e flores e, no espaço frontal, imagens de familiares falecidos. A maioria dos elementos nesta imagem simboliza o movimento, a memória e o alimento, presentes inclusive na dança do Senhor do Reino dos Mortos.

Altar Mexica dos Mortos



Altar Mexica dos Mortos

Aqueles que morriam de morte natural teriam um longo trajeto de quatro anos pelos nove planos do mundo inferior. Para ajudá-los, eram feitos longos rituais que duravam 40 dias, nos quais os parentes vivos deveriam abster-se de alguns prazeres. No início do ritual, um cão era sacrificado para que pudesse guiar o espírito do falecido através do rio que fazia fronteira com Mictlán. Neste altar, exposto no Museu Nacional de Antropologia do México, encontramos o Senhor de Mictlán, Mictlantecuhtli ao centro, e quatro imagens sagradas de Cihuateteo, mulheres divinizadas por morrerem no parto. Os espíritos dessas mulheres recebiam o mesmo destino que os dos guerreiros.

Cihuacóatl, Deusa da Fertilidade e da Guerra



Cihuacóatl, Deusa da Fertilidade e da Guerra

Cihuacóatl, também chamada Tonantzin, “Nossa Mãe”, é uma deusa da fertilidade humana e agrária, guardiã dos espíritos das mulheres que morriam no parto, consideradas como guerreiras. Como divindade feminina da guerra, ela traz sobre a cabeça a coroa de crânios e um colar com mãos cortadas. Cihuacóatl teria previsto a invasão espanhola e chorado pelo sofrimento de seu povo. Por isso, ela poderia ser uma possível origem da personagem La Llorona da cultura popular mexicana. Cihuacóatl é conhecida ainda como deusa-serpente.

Deusa Coatlicue



Deusa Coatlicue

O culto de Cihuacóatl foi também associado ao de Coatlicue, uma deusa-mãe primordial, que deu origem à deusa da Lua, Coyolxauhqui, e aos incontáveis deuses-estrelas. Coatlicue também é mãe do deus da Guerra, Huitzlopochtli, concebido sem ato sexual. Como vemos na imagem sagrada acima, Coatlicue é representada com uma saia de serpentes e no local da cabeça duas serpentes. O cinto com mãos cortadas e o crânio tem similitude com o colar de Cihuacóatl.

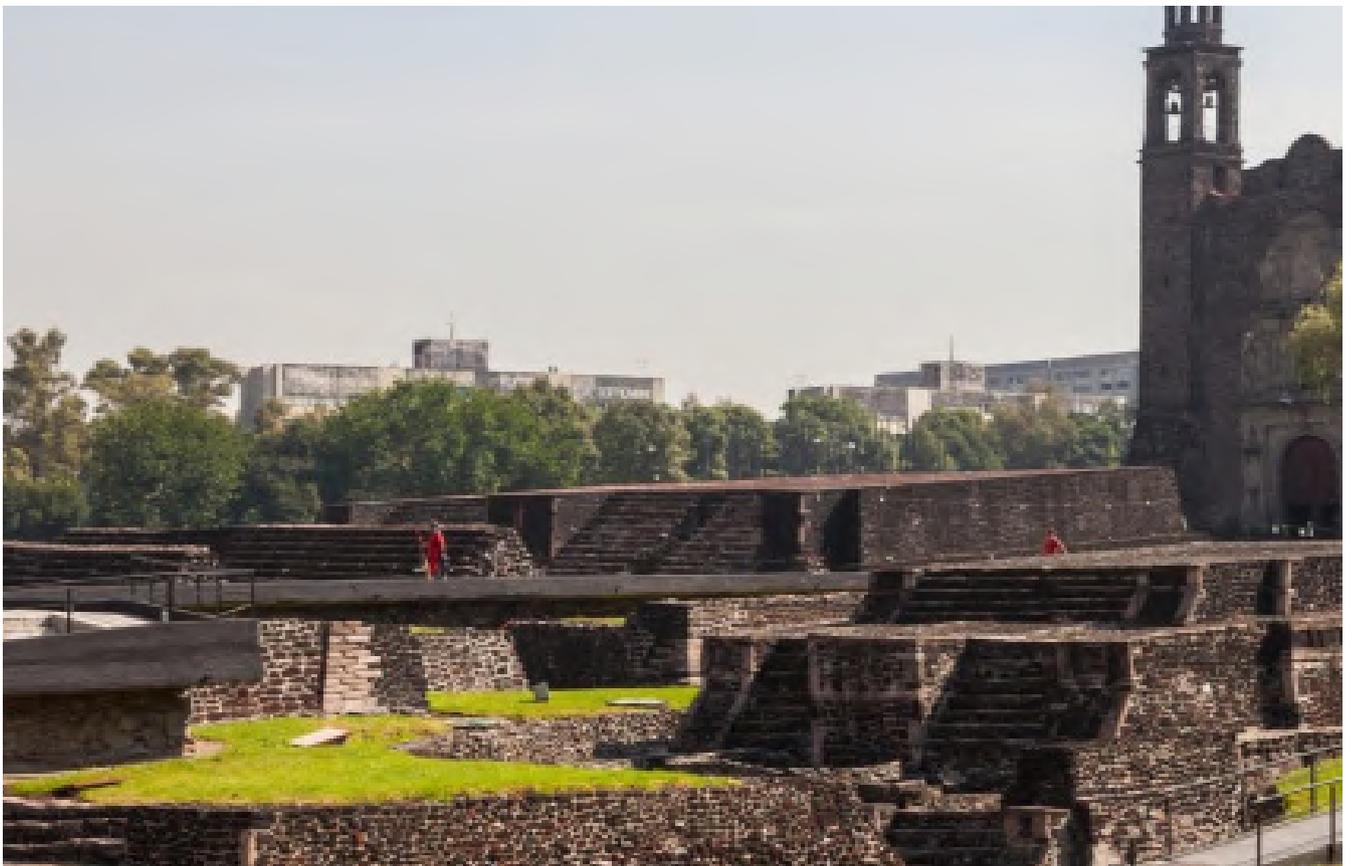
Sacralidade do Jogo Sacrificial



Sacralidade do Jogo Sacrificial

Essa cabeça com rosto de caveira, exposta no Museo Nacional de Antropologia do México, está relacionada aos jogos de bola, cujos vestígios encontram-se nas regiões das civilizações mesoamericanas. Esse jogo, também chamado Ullama, possuía motivação religiosa e, portanto, podemos entendê-lo como uma forma de ritual. Em alguns jogos, o capitão da equipe perdedora era decapitado em sacrifício aos deuses do mundo dos mortos.

Templos de Tlatelolco



Templos de Tlatelolco

Próximo à Plaza de las Tres Culturas, encontramos no Bairro Tlatelolco dois templos sagrados: o Templo Mayor da cidade anterior à invasão espanhola, também chamada de Tlatelolco, e a Igreja de Santiago. Podemos ver na foto, que muitas pedras do Templo Mayor foram utilizadas na construção da Igreja como também ocorreu na construção da catedral da Cidade do México. Em 1521, 40.000 nativos foram mortos na defesa de sua cidade contra as tropas de Hernán Cortés. Neste espaço sagrado para ambas as culturas, ocorreu também o massacre de 300 estudantes que protestavam contra o governo mexicano em 02 de outubro de 1968.

Um tour encantado: o sagrado e o fantástico na Ilha da Magia

“Ilha da Magia”, o famoso epíteto de Florianópolis, foi criado na década de 1980 para fomentar o turismo em terras de belas paisagens e exotismo cultural, este último, proveniente do folclore local. Mas que magia é essa, a da Ilha da Magia? Neste capítulo, meu desejo é o de apresentar-lhes esse substrato do fantástico e do sagrado ilhéus. Nosso roteiro neste tour encantado se dará de forma cíclica, sendo o ponto de partida, o ponto de chegada, e assim como nas trilhas, a caminhada faz com que o sujeito (leitor) que retorna ao ponto inicial volte mudado por conta do que viu (ou leu) no caminho.

Como bibliografia, utilizou-se o artigo *Entre Bruxas e São Tiago: o fantástico e o religioso no Caminho Brasileiro Santiago de Compostela em Florianópolis* (2023) de Cauana Harz e Raisal Sagredo, a pesquisa de Sônia Maluf, *Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição* (1998), *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* (1946-1975) de Franklin Cascaes e *Divino Gênese: as descobertas do pescador antropólogo na Ilha de Santa Catarina* (2018) de Adnir Ramos. Sobre o passado mais longínquo de Floripa,

consultaram-se as obras *História diversa: africanos e afrodescendentes na ilha de Santa Catarina* (2013) e *Florianópolis Arqueológica* (2021), ambas de professores da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ráisa Sagredo
Universidade Federal de Santa Catarina

Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela



Caminho Brasileiro de Santiago de Compostela

Nossa jornada parte de uma manifestação do sagrado que possui, em seus 21 quilômetros, muito do substrato cultural ilhéu, como toponímias em alusão às bruxas. Criado em 2017 e reconhecido pela prefeitura em 2022, o Caminho Brasileiro Santiago de Compostela é o primeiro trajeto complementar reconhecido pela Sé Compostelana nas Américas.

Alinhamento do Solstício de Verão no Sítio da Pedra Virada



Alinhamento do Solstício de Verão no Sítio da Pedra Virada

Este sítio foi descoberto pelo pescador e antropólogo Adnir Ramos na década de 1960. Fundador do IMMA – Instituto de Arqueoastronomia e Meio Ambiente –, ele desenvolve também trabalhos relativos ao astroturismo. Na foto, observa-se o lindo alinhamento no pôr do sol do dia 22 de Dezembro de 2023, solstício de verão no hemisfério Sul.

Salão de Festas das Bruxas de Itaguaçu



Salão de Festas das Bruxas de Itaguaçu

A imortalidade das pedras nos traz para o cenário de uma lenda. Segundo Gelci Coelho, o Peninha, as bruxas haviam resolvido fazer uma festa, regada a música, dança e banquete; porém, não convidaram o Diabo. Este, quando soube, sentiu-se ofendido, tendo ido até a festa e transformado todas as bruxas que ali estavam, em pedras, como castigo.

Rito de benzimento no Leste da Ilha



Rito de benzimento no Leste da Ilha

As bruxas malélicas do folclore têm as benzedeadas por antagonistas. Estas, possuem o dom de curar, através de rezas, gestos e plantas. Aqui, uma benzedeadora benze um pé acometido de mau jeito e erisipela, rito feito com agulha e tecido – para simbolicamente “costurar” os nervos do pé –. Suas mãos curam e são mediadoras entre os mundos.

Estátua de Iemanjá entre as praias da Armação e Matadeiro



Estátua de Iemanjá entre as praias da Armação e Matadeiro

Dentre os vários elementos da espiritualidade da Ilha encontra-se a matriz africana e afro-brasileira. Iemanjá, “Rainha das ondas” e “Sereia do mar”, encontra-se em seu domínio por excelência: a imensidão do mar, protegendo os pescadores em seu ofício. Velas, flores e guias transformam a bela estátua em um altar a céu aberto, cercado por mar e por fé.

Sambaqui Ponta das Almas, Lagoa da Conceição



Sambaqui Ponta das Almas, Lagoa da Conceição

A fé na continuidade de um pós-morte teria motivado os povos originários a enterrar os seus na beira d'água. Chamados de sambaquis, as elevações de terra e conchas guardam antigos sepultamentos, sendo que a primeira ocupação deste sítio remonta a 4 mil anos AEC. O Estado de Santa Catarina destaca-se por ter os maiores sambaquis já registrados no mundo.

Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito



Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito

As grades se sobrepondo na foto são propositais, pois esta igreja foi um espaço especial nos tempos da escravidão. Ela foi construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, composta por escravizados e ex-escravizados. Sua construção, datada de 1787, criou um espaço sagrado para os marginalizados naquela sociedade segregacionista.

Cristais no Mirante da praia Mole



Cristais no Mirante da praia Mole

A busca por integração faz parte das manifestações da espiritualidade urbana na capital na contemporaneidade. Terapias alternativas e esoterismos compõem esse mosaico, inserido no contexto da chegada do movimento Nova Era ao Brasil. Aqui, a paisagem do mirante da Praia Mole se harmoniza com cristais de quartzo fixados no corrimão.

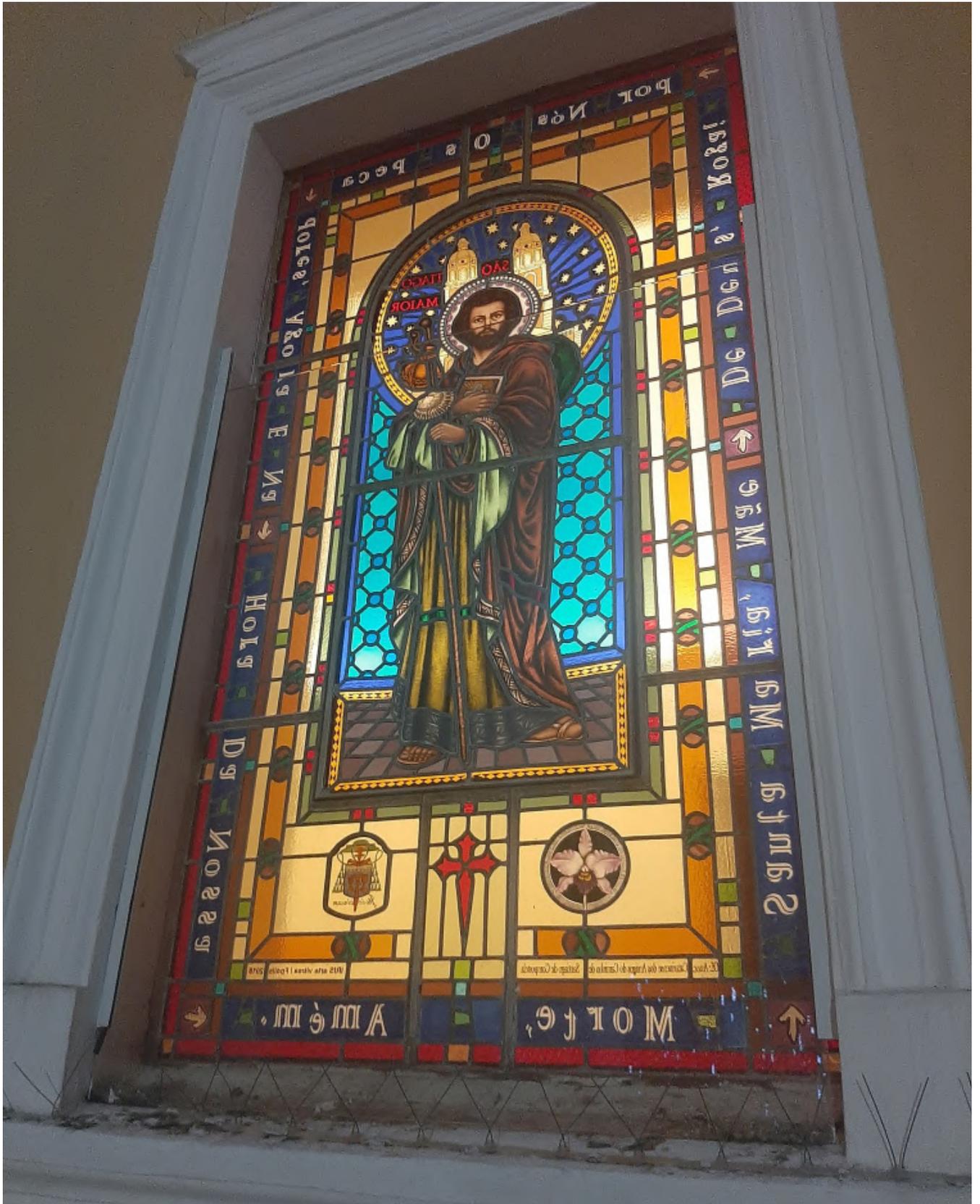
Centro Cerimonial do Santo Daime na Ecovila São José



Centro Cerimonial do Santo Daime na Ecovila São José

Mais uma proposta integradora entre ser humano e natureza, com foco na sustentabilidade. Este Centro Cerimonial fica na Ecovila São José, criada pela Associação Ambientalista Comunitária Espiritualista Patriarca São José, que desde 1996, cuida da preservação da Mata Atlântica local e do desenvolvimento integral humano.

Vitral de São Tiago peregrino na Catedral Metropolitana



Vitral de São Tiago peregrino na Catedral Metropolitana

A Catedral ganhou uma doação, da ACACSC: um vitral de São Tiago encomendado pela associação, colocado na parede direita da capela da Catedral na reforma de 2018, projeto executado pela IRIS Arte Vítrea e pela artista Jandira Lorenz. Assim como na Idade Média, os vitrais seguem refletindo questões sociais e culturais de seu tempo.

Fontes e Bibliografia Geral

BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central*. Brasília: Solo, 1994.

BERTRAN, Paulo. (Org.) *Notícia Geral da Capitania de Goiás*. Goiânia/Brasília: Solo Editora, 1997.

BONAMICI, M. The etruscan period. In: SETTIS, S. *The Land of the Etruscans, from the Prehistory to the Middle Age*. Scala Books: Firenze, 1985.

CASCAES, Franklin. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

CREMONES, R. G. The Prehistorical Age. In: SETTIS, S. *The Land of the Etruscans, from the Prehistory to the Middle Age*. Scala Books: Firenze, 1985.

COULANGES, F. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2021.

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2010.

FRANÇA, S. S. L; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. de S;
LIMA, M. P. *Peregrinos e Peregrinação na Idade Média*. Petró-
polis: Editora Vozes, 2017.

FELLONE, Roseli. Os mortos no limiar e no além-túmulo em
vasos figurados etruscos (séculos IV e III aC). *Classica-Re-
vista Brasileira de Estudos Clássicos*, p. 327-336, 1993.

GOMIDE, Cristina Helou. *Antiga Vila Boa de Goiás: experiências
e memórias na/da cidade patrimônio*. BH: Editora Letra-
mento, 2023.

GONZÁLEZ, Manuel A. Castiñeiras. *Galicia e os camiños de San-
tiago*. Santiago: Xunta de Galicia, 2016.

HARZ, Cauana; SAGREDO, Raisia. Entre Bruxas e São Tiago: o
fantástico e o religioso no Caminho Brasileiro Santiago de
Compostela em Florianópolis. In: *Anais da 13ª Semana Aca-
dêmica de História UDESC*. Vol. 13, n. 1, 2023.

KRICKEBERG, Walter. *Mitos y Leyendas de los Aztecas, Incas,
Mayas y Muiscas*. Trad. Johanna Faulhaber; Brigitte von
Mentz, Ciudad de México: FCE, 2022. 15ª reimpressão.

LOMNITZ, Claudio. *Idea de la Muerte en México*. Ciudad de
México: FCE, 2006.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann
(orgs.). *História diversa: africanos e afrodescendentes na ilha
de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAIS, José Eduardo; TELES, Gilberto Mendonça. “Recado”. [Goiânia]: Independente, 1983. Faixa 9.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. (Org.). *Cidade de Goiás: a Paixão de Cristo em textos e imagens*. 1ed. Goiânia: Tempestiva, 2023, v. 3

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *Os Sentidos do Sagrado no Ocidente Medieval: Emoções, Devoções e Culto às Relíquias Cristãs*. Curitiba: CRV, 2023.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. (Org). *Sacralidades Territoriais*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2022.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. Relíquias e Peregrinações na Idade Média. In: NASCIMENTO, Renata Cristina & SILVA, Paulo Duarte. *Ensaio de História Medieval*. Temas que se renovam. Curitiba: Editora CRV, 2019, pp. 73- 85.

OVÍDIO. *Fastos*. Madrid, España: Gredos, 1988.

PALACIN, Luis, GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaína. *História de Goiás em Documentos*. I. Colônia. Goiânia: Ed. UFG, 1995.

PLATO. *Republic*. Edited and translated by Chris Emlyn-Jones and William Preddy. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013. Vols. I-II. Loeb Classical Library.

RUCQUOI, Adeline. *Mille Fois à Compostelle*. Pèlerins Du Moyen Âge. Paris: Les Belles Lettres, 2021.

RUCQUOI, Adeline. Trece siglos por los caminos de Santiago. In: *Revista Chilena de Estudios Medievalis*, n. 4, jul.-dez./2013. [Santiago do Chile: Centro de Estudios Medievalis/Universidad Gabriela Mistral].

SANT'ANNA, H. M. *História da República Romana*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SAUCKEN, Paolo Caucci Von & CASTIÑEIRAS GONZÁLEZ, Manuel A. Santiago de Compostela: Caminos del saber, del andar y del creer *XII CONGRESO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS JACOBEO*S. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2023.

SINGUL, Francisco. *Historia Cultural do Camiño de Santiago*. Vigo: Editora Galáxia, 1999.

SINGUL, Francisco. *Camino que Vence Al Tiempo*. La peregrinación a Compostela. Madrid: Europa Ediciones, 2020.

SOUSA, E. *Mitologia I: mistério e surgimento do Mundo*. Brasília: Editora da UnB, 1988.

TITO LÍVIO. *História de Roma desde a fundação da cidade*. Livro I – Monarquia. Tradução Mônica Vitorino; introdução e notas Júlio Cesar Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

UNES, Wolney (org). *Veiga Valle*. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2011.

WALS, A. M. J. Los etruscos y los inicios de la historia de Roma. *Innovación y Experiencias Educativas*, n. 23, pp. 1-13, Granada, 2009.

WARBURG, A. *Histórias de Fantasmas para Gente Grande*: escritos, esboços e conferências. Organização de Leopoldo Waizbort e tradução de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Sobre os autores

Maria Najet Ramos Jubé Hayek

Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora do Ensino Fundamental e Médio do Instituto Maria Auxiliadora e da Prefeitura de Goiânia. Membro da Associação Nacional de História (ANPUH). Áreas de interesse: História do Brasil; Ensino de História; Religiosidades. Especialista em História Regional e do Brasil.

Wemerson dos Santos Romualdo

Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob orientação do Dr. Fabiano Fernandes. Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Áreas de interesse em História Medieval: Cruzadas, Religião, Relíquias, Política, Sensibilidades, Filosofia e Imaginário. Participante do Projeto e Grupo de Estudos “Sacralidades Medievais”, coordenado pela Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento. Participante do Grupo de Estudos sobre Cruzadas e Ordens Militares – OUTREMER, coordenado pelo Dr. Dirceu Marchini Neto e Dr. Fabiano Fernandes. Estudante/Pesquisador da “Rede Relicário” – Rede de Pesquisa sobre Arte e História das Relíquias Cristãs Ibéricas. Participante do “Laboratório de Estudos Mediterrânicos e Bizantinos” (LAEMEB – UNIFESP), coordenado pelo Dr. Fabiano Fernandes. Membro da Associação Brasileiro de Estudos Medievais – ABREM.

Renata Cristina de Sousa Nascimento

Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente está realizando estágio de pós doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou estágio de pesquisa na Universidade de Oviedo-Espanha (Janeiro de 2019)/ Realizou estágio de pós- doutorado na Universidade do Porto (dez de 2015- 2016, com patrocínio da Capes), e na Universidade Federal do Paraná (2012). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Goiás (Regional- Jataí), da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Programa de Pós-Graduação em História. Linha de pesquisa: Poder e Representações). Coordenadora da rede internacional de pesquisa: RELICARIO. RED DE INVESTIGCIÓN SOBRE ARTE E HISTORIA DE LAS RELIQUIAS CRISTIANAS IBÉRICAS. Participante/ Pesquisador do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR). Membro-fundadora da Rede de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (REIA). Representante brasileira no Comité Internacional de Expertos del Camino de Santiago (Xunta de Galicia). Coordenadora (com Armênia Maria de Sousa), do GT de Medieval/ ANPUH. Idealizadora e coordenadora do grupo/site Sacralidades Medievais. Atualmente é a primeira secretária da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM- biênio 2023/2025).

Aline Dias da Silveira

Doutorado em História Medieval pela Universidade Humboldt de Berlim-Alemanha (2008). Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Tem experiência na área de História e Mitologia, com ênfase em História Medieval e

Antiga, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, filosofia, mitologia, ciência e política através de uma perspectiva das experiências temporais nos entrelaçamentos transculturais, histórias conectadas e história global. Também atua na área do Ensino de História e História Pública. Membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais - ABREM e do Núcleo de Estudos Mediterrânicos - NEMED, bem como coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais - MERIDIANUM - UFSC/CNPq. Professora Associada no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, atua também no Programa de Pós-Graduação em História e no PROFHistória dessa Universidade. Coordenadora da filial da Cátedra da UNESCO Mediterranean Cultural Landscapes and Communities of Knowledge University of Basilicata (UNIBAS) em Santa Catarina. É membro da Rede de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (REIA).

Raísa Sagredo

Doutoranda em História Global na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - e bolsista FAPESC, com pesquisa intitulada "Bruxaria Contemporânea: a perseguição às bruxas como trauma na Memória Cultural da religião da Deusa". Possui Mestrado em História Cultural pela mesma instituição (2017), Licenciatura e Bacharelado em História também pela UFSC (2014) e Licenciatura em Pedagogia pela Uninter (2019). A maior parte de suas pesquisas são do campo da História das Religiões, Neopaganismo, Usos do passados e Egito Antigo. Atualmente é integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais - MERIDIANUM/UFSC, e do Projeto de Extensão Meridianum Complexus: História e Filosofia Públicas na Ecologia dos Saberes em Redes Sociais e Canais de Interação Audiovisual (UFSC).

© Edições Tempestiva, 2024
Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistemas de armazenamento em bancos de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos científicos.



Pesquisando a *Renascença*, Aby Warburg viu-se assombrar por fantasmas que provinham do Renascimento e da Antiguidade. Contudo, todos os contextos históricos produzem as suas próprias fantasmagorias: para vê-las, basta que o(a) observador(a) lance-lhes o olhar e deixe-se «assombrar». Foi exatamente este o convite feito pela Dra. Renata Nascimento aos colaboradores deste libelo. Raísa Sagredo, Najet Hayek, Aline da Silveira, Wemerson Romualdo e a própria organizadora dispuseram-se à partilha de suas impressões (isto é, suas *eikónes*) sobre algumas imagens (*tà eidē*) que colocam em diálogo o contexto de sua fabricação com o momento da observação, articulando, assim, passado e presente.

ISBN 978-658514210-6



Tempestiva